

# 03 A longa vigília dos jornalistas

Foi uma longa noite, fria, a última vigília da imprensa no Instituto do Coração de São Paulo. Trinta e nove dias ao todo, 13 em Brasília, no Hospital de Base, 26 na trilha entre o Centro de Convenções Rebouças, quartel-general dos jornalistas, e o hospital onde permaneceu o presidente eleito Tancredo Neves até às 9h30 de ontem. Logo após ser anunciada sua morte, pelo portavoz Antônio Britto, ainda os correspondentes estrangeiros se agitaram, enviaram seus comunicados e análises da situação do Brasil, agora sem o líder que teceu a Nova República. Mas, aos poucos, como se fossem os jornalistas brasileiros os mais fiéis ao trabalho, foram ficando a sós na rua e nas instalações do Centro Rebouças.

Telex, salas de redação, telefones, rádio e televisão: a noite avançou lentamente, sem notícia. Ninguém, porém, suspendeu o seu dever. Repórteres exaustos procuravam extrair algum fato novo, nem que fosse uma consulta a outros jornalistas, com a pergunta ingênua: "Em que esta noite está sendo diferente das outras?" Na realidade, até o amanhecer, nada diferente, apenas certas rotinas desencadeadas durante a agonia de Tancredo Neves. O sabor amargo do fato consumado não impedia que outros tantos repórteres quase fossem atropelados ou atropelassem os carros que vinham chegando ao Instituto do Coração, na tentativa de extrair uma declaração, quase sempre previsível.

Entre uma investida e outra, todos se acotovelavam, os jornalistas de televisão ciosos de seu espaço — o das câmaras —, às vezes descartando os da imprensa escrita como se devessem ficar à margem dos acontecimentos. Logo após, no entanto, vinham desculpar-se de um empurrão, de um puxão pelo braço. Na mesma rotina — ou melhor, na dinâmica do grupo de profissionais —, triunfava nessa noite como nas demais, a solidariedade. Nunca a imprensa, nos últimos 21 anos, foi, ao mesmo tempo, tão competitiva, ciosa de sua obrigação de informar, e pronta a se dar as mãos. Gladestone Eisenlohr, da assessoria de imprensa da Presidência da República, em uma roda, comentava, na madrugada de ontem, "o verdadeiro laboratório" em que se transformou a rua entre o Instituto do Coração e o Centro de Convenções Rebouças. Para ele, a lição foi sobretudo útil aos jovens repórteres que, neste curto espaço de tempo, se transformaram em jornalistas por inteiro. Reconheceu também, diante da questão a ele colocada, que o Poder, por sua vez, aprendeu a conviver com a Imprensa.

As 2h10 de domingo, a assessoria da Presidência, desta vez com a ausência do líder — Antônio Britto —, reuniu-se com os jornalistas para traçar uma estratégia para cobertura da saída do cortejo que conduziria o corpo de Tancredo Neves ao aeroporto de Congonhas. Desnecessário seria dizer, que determinada filosofia de trabalho regia esta estratégia. Foi, no entanto, declarado: a assessoria esperava da imprensa a dignidade à altura do momento e da estatura do presidente. O tom imperioso de "como vai ser a cobertura" foi, aos poucos, se abrandando e os detalhes operacionais acertados. Os jornalistas assumiram as regras do jogo: ninguém entrevistaria a família de Tancredo Neves, mesmo porque o cortejo de 40 carros sairia do Instituto do Coração sem que os repórteres tivessem acesso a nenhum deles. Assim também na missa de corpo presente programada para as 7 horas (de fato, aconteceu às 8 horas), já que se tratava de um ato religioso privado, a que só a família estaria presente.

O sereno caiu, os populares foram dispersando-se na madrugada, mesmo os mais inquietos que ameaçaram tumultuar no começo da vigília. Quase todos se foram, armazenar energias para voltar pela manhã. Todos menos os jornalistas. Sete repórteres de um jornal, quatro equipes de cinco componentes de uma televisão, só para citar dois exemplos. Repórteres de rádio mantiveram a informação no ar, mesmo que tudo se acalmasse temporariamente. O sentido profissional não poupava até críticas e autocríticas: ficou lugar-comum, nesta cobertura, a exigência de um padrão de eficiência. Frequentemente, um jornalista desgostoso com a falta de recursos diante de outro com melhor estrutura de trabalho desabafava contra a própria empresa jornalística: "Quem não tem competência, não se estabelece: certos eles, que conseguiram isso ou aquilo..."

Por volta de 6h45, surgem os primeiros sinais de despedida. Alguns aparatos de televisão, emaranhados de fios de rádio começam a ser, gradativamente, desativados. A imprensa se prepara para sair do circuito mais livre na frente do Instituto do Coração, cobrindo ansiosamente os dois principais pontos de acesso, e vai-se encaminhando para a ilha cercada de um cordão de policiais, espaço determinado para a saída do cortejo. Sem traumas, todos vão-se ajeitando ali ou na passarela da avenida Rebouças. Chegam as autoridades religiosas para a missa, todos aguardam esse momento solene e o posterior, a saída de São Paulo de Tancredo Neves. As 8 horas já a multidão cercava o local e o silêncio baixou de forma impressionante até mesmo para os veteranos da imprensa. Um silêncio associado à profunda solidão em que cada um sofria sua dor, sua perplexidade. Os repórteres, cansados de ir à luta, animados em muitos momentos por versões, fatos trágicos ou pitorescos, ficaram então em plena comunhão com o povo. O mesmo silêncio na "ilha" entre o Centro Cultural Rebouças e o Instituto do Coração. Cânticos e rezas se levantam aos poucos. As 9h23, Mauro Salles sai, no último ato, para coordenar a largada do cortejo, cujos carros já haviam ligado os motores. Pontualmente, às 9h30, sai o carro de bombeiros com o corpo de Tancredo Neves. Imprensa e populares batem palmas. Lágrimas e lenços brancos.